

4

ESEG investigação

Revista Científica da Escola Superior de Educação da Guarda

nº4 | 2º semestre | 2007

*Edição especial 20 anos
Volume I*

ESEG

INVESTIGAÇÃO

Revista Científica
da
Escola Superior de Educação da Guarda

N.º 4 | 2º Semestre | 2007

Título: ESEG Investigação

Revista Científica da Escola Superior de Educação da Guarda

Edição Especial, Volume I

Coordenação Editorial: Joaquim Manuel Fernandes Brigas

Coordenador Científico: Júlio Pinheiro

Comissão Científica: Professores Coordenadores e Doutores da ESEG

Edição: Escola Superior de Educação da Guarda

Capa: Humberto Pinto

Coordenação Gráfica: Maria de Fátima Bartolomeu da Cruz Gonçalves

Colaboração: Jandira Medina

Tipografia: Marques & Pereira (Guarda)

Depósito Legal: 220917/04

ISSN: 1646-1193

Tiragem: 2000 exemplares

1ª Edição: 2º Semestre | 2007

Escola Superior de Educação da Guarda

Av. Dr. Francisco Sá Carneiro, n.º 50 * 6300-559 Guarda * Telefone: 271 220 135 * Fax: 271 222 325 * www.ese.ipp.pt

Os artigos são da responsabilidade dos respectivos autores e são apresentados exactamente como foram entregues na redacção.

Reservados todos os direitos. Esta publicação, não pode ser reproduzida ou transmitida, no todo ou em parte, por qualquer processo, electrónico, mecânico, fotocópia, gravação ou outros, sem autorização do Editor.

Índice

Nota de Abertura <i>Joaquim Brigas</i>	7
Prefácio <i>Júlio Pinheiro</i>	9
“As palavras ainda se apagam diante do invisível” Rainer Maria Rilke e Cecília Meireles: notas de investigação <i>Maria José Craveiro</i>	17
Renan e Eça de Queirós <i>Vie de Jesus e A Relíquia</i> <i>Júlio Pinheiro</i>	33
Ensaio sobre a Cegueira <i>ou</i> a metáfora do mundo em que vivemos <i>Ricardo Antunes</i>	49
Ricardo Reis: o mais clássico dos heterónimos de Fernando Pessoa <i>Mário Meleiro</i>	69
Fernando Pessoa e o Iberismo <i>José Luís Lima Garcia</i>	81
A imprensa regional ao serviço de uma causa: o jornal <i>A Guarda</i> e o processo de acolhimento dos “retornados” <i>Nelson Oliveira</i>	87
O uso das fontes na imprensa generalista <i>Regina Gouveia</i>	113
Análise do “ <i>uso de recursos</i> ” nos manuais escolares portugueses e moçambicanos <i>Rosa Branca Tracana, Cláudia Ferreira, Maria Eduarda Ferreira & Graça S. Carvalho</i>	133

Actividades lúdico-motoras praticadas em meio rural por crianças do 1º ciclo do Ensino Básico. Mudanças verificadas entre 1992 e 2007	149
<i>Mário Cameira Serra & Nuno Serra</i>	
<hr/>	
El Juego como medio transmisor de valores en la educación primaria	169
<i>Eduardo Álvarez del Palacio</i>	
<hr/>	
Enamoramento e Amor	183
<i>Filomena Velho</i>	
<hr/>	
A policromia e a pintura ilusionista na Praça e Vila de Almeida (séculos XVII a XX)	193
<i>Augusto Moutinho Borges</i>	
<hr/>	
Estratégia das Empresas na Era da Globalização	211
<i>Maria Filomena Ribeiro Ventura Gomes</i>	
<hr/>	
Do autismo à palavra: a importância do “Não”	231
<i>Isabel Maria Morais de Sousa Portugal</i>	
<hr/>	

Nota de Abertura

A revista *ESEG Investigação* nasceu fruto da cooperação de um trabalho longo e amadurecido por um plano de acção sustentado, levado a cabo por uma equipa digna do maior respeito e admiração. Por isso, mais uma vez se apresenta, nesta edição especial 20 anos, dando lugar a uma série de reflexões científicas, subscritas por professores e investigadores de comprovado mérito.

Ao completar 20 anos de existência, a ESEG orgulha-se pelo trabalho desenvolvido, e que nas páginas destes dois volumes, apresentados pela ocasião do seu aniversário, se submete ao rigoroso escrutínio público da comunidade científica e académica, dando à estampa mais uma série de artigos que hão-de, certamente, merecer a aplauso geral.

Paralelamente a esta iniciativa, a ESEG entrou no novo ano lectivo com a certeza de que poderá enfrentar os desafios do processo de Bolonha com todos os recursos de que carece para a sua afirmação como escola de prestígio. A saber: uma revista científica, constituída com repositório da investigação do que melhor nela se produz; uma carteira de protocolos com as mais prestigiadas instituições de ensino superior, tendo em vista a oferta de formação avançada, quer ao nível de pós-graduações, que ao nível de mestrados; um conjunto de parcerias com centros de investigação, que têm por objectivo o desenvolvimento de projectos comuns multitemáticos, em rede com instituições públicas e privadas; contratos

em regime de consórcio com instituições nacionais e internacionais, visando a concretização de projectos pré-seleccionados, e de indiscutível interesse para a sociedade civil...

Por tudo isto e pelo demais, que não se justifica ser relevado neste campo, a ESEG enfrenta o futuro com confiança. Assume o compromisso de, nestas páginas, continuar a oferecer aos investigadores um contributo um espaço à investigação científica, que orgulhe os que nelas colaboram.

Numa época em que só os melhores têm lugar garantido, e só a excelência consegue fazer a diferença, a nossa promessa será sempre a certeza do dever cumprido, e a honra de humildemente caminhar lado a lado com os que apostam em fazer do nosso país um espaço de saberes genuinamente reconhecido.

Joaquim Manuel Fernandes Brigas
Director da ESEG

Querido Leitor

Dirijo-me a si «querido leitor», como fazia António Vieira e mais recentemente Miguel Torga nos últimos livros que publicou. O adjectivo «querido» com intenso e profundo valor semântico adquire ainda maior intensidade quando anteposto ao substantivo. Deixa de ser meramente informativo para se tornar performativo, pois realiza no coração o que significa.

Ao escrever este prefácio, sinto a grande dificuldade inerente a tudo o que começa. Eduardo Theirs na sua «Introdução» às *Novelas Ejemplares* de Miguel de Cervantes conta que estando sentado à mesa de um café chega um amigo que lhe pergunta o que faz. A resposta foi imediata: «Devo fazer uma introdução o que não é nada fácil». E acrescentava que para essa dificuldade contribuía a necessidade de se misturar o necessário com a incitação para que o leitor trabalhe e obtenha o maior prazer por sua conta. Terminava notando que se deve ensinar o oculto para que o leitor investigue por si mesmo.

No entanto esta introdução tem que seguir um outro caminho, pois procura atingir o real, o objectivo, a acção, a própria vida. É sobretudo o momento para uma reflexão aprofundada, partindo do passado para uma perspectiva de futuro

Com essa finalidade vou tentar salientar o valor da revista, logo a sua necessidade. Abordarei depois algumas das maiores exigências, dificuldades e preocupações que provoca uma publicação deste tipo. Afirmo desde já que não olho só para o passado. O que me interessa é o presente, pois, como diz Santo Agostinho, o passado e o futuro só existem enquanto presente.

Valor e necessidade

Qualquer estabelecimento de ensino superior tem necessidade de uma revista que se apresenta como um testemunho, uma oportunidade, uma memória.

Antes de mais é um testemunho do esforço realizado, do trabalho pessoal e colectivo, do interesse sentido, enfim da capacidade e do valor dos que nela escrevem. É por isso que é também uma oportunidade, sobretudo para os mais novos que iniciam o percurso de uma docência que se pretende um serviço e uma realização pessoal. Nem sempre é fácil publicar os resultados da investigação, pois nem sempre as portas se abrem aos mais novos. A revista, sendo da casa, e dirigida por pessoas que se conhecem inspira confiança e ao mesmo tempo motivação. Todos sabem que se trata de um campo aberto para dar a público o que se escreve, na certeza de que as coisas só existem verdadeiramente quando se conhecem.

Sendo testemunho e oportunidade a revista também é memória da vida colectiva e em certa medida da vida de cada um. Quem escreve dá a conhecer os seus conhecimentos, as suas emoções, as suas acções, as suas histórias. Escrever é em certo modo viver à beira da intemporalidade. Por estes motivos uma escola sem revista é uma escola sem memória, pois se não se der a conhecer no presente ficará ignorada no futuro.

A revista é também necessária porque gera várias relações.

Antes de mais é um factor de relação de cada pessoa consigo mesma. Ao olhar a revista cada autor sente um apelo continuado para que caminhe, para que produza, para que crie não de modo isolado, mas em participação. O trabalho em equipa é mais produtivo, embora guardando as diferenças pessoais. Uma sinfonia não exige a uniformidade, mas o fazer bem aquilo que se deve fazer bem. Agindo com os outros cada pessoa aprende a agir consigo mesma.

Ao escrever o autor vai entrar em diálogo com os outros colaboradores da revista e com eles cria novas relações de pensamento e até de convivência e amizade. Há uma profunda inter penetração de saberes diferentes, de novo

analisados e transmitidos e por isso reformulados. E nesta actividade de relações acentuadas reside a descoberta que cada um faz do saber dos outros que acaba também por ser um saborear da vida e do mundo. Foi isto que expressou Ionesco ao ser recebido na Academia Francesa quando disse: « A nossa arte de encontrar o mistério da vida reside no modo de se olhar, de olhar os outros, de olhar o mundo».

No entanto, esta relação vai estabelecer-se não só a entre pessoas, mas também entre as redes culturais, as instituições, as escolas com os mesmos interesses. Um dos maiores benefícios de ter uma revista está na possibilidade de estabelecer trocas com outras revistas, comparando o que se produz com o que se realiza de mais válido e actualizado.

Outra relação muito desejável deve estabelecer-se entre os próprios leitores. Por essa razão existem revistas que publicam as cartas dos leitores onde exprimem os sentimentos provocados pelos autores e as apreciações feitas por outros leitores sejam eles simples, médios ou especificamente preparados. O importante é que o leitor seja activo, desejoso de criar. Nada interessa o que seja negativo e por isso recusámos sempre o «homo lacrimans» detestado por Albert Camus ou a «barbárie interior» condenada por Jean-François Motte. No fundo, para que a revista tenha aceitação deve ser exigente e possuir real valor. Fazer uma revista é um trabalho árduo, constante, a que não deve faltar um grande optimismo e uma imensa confiança em si mesmo e nos outros. As exigências são enormes e as dificuldades permanentes.

Exigências e dificuldades

A primeira característica de uma revista é a sua efemeridade. Está na essência das revistas a sua morte anunciada, por causa da sua temporalidade, da ambiguidade existencial que a determina. A revista não é o tempo que passa inerente ao jornal, nem o tempo que fica que caracteriza o livro. É um tempo

intermédio. Estando entre duas situações acaba por ter um estatuto que não está definido.

Talvez por isso poucas são as revistas que venceram o tempo. Algumas desapareceram mesmo rapidamente, apesar de alguns números terem ficado como marcos de inovação e saber. Damos alguns exemplos mais significativos. Da célebre revista *Orphen*, fundada por Fernando Pessoa, Mário Sá Carneiro e outros em 1915 só saíram três números. Da revista *Centauro* só apareceu um número. Da *Athen* foram publicados cinco números. Já a conhecida revista *Presença* fundada por José Régio e João Gaspar Simões durou mais tempo, pois teve 54 números. Com vida efémera foram publicadas as revistas *Exílio Portugal Futurista*, *Revista Lusitana*, *Revista de Portugal*. Em algumas universidades portuguesas, revistas de várias especialidades como Direito, História, Filosofia acabaram depois de algum tempo de publicação, normalmente por razões políticas, económicas ou mesmo científicas.

A revista *ESEG Investigação*, tem-se mantido sem interrupção, por causa de apoios sem os quais a morte já teria acontecido. Para que tal milagre aconteça há que ter em conta a acção do director da ESEG, dos colaboradores e dos leitores.

A actual revista deve-se ao espírito empreendedor do Director da Escola Superior de Educação, Prof. Joaquim Brigas. Apesar de ter um grande sentido empresarial da escola, não se deixou dominar pelo material. Para o director a matéria é, como a palavra indica, a mãe da acção, mas não a dominadora da acção. Não procurou a mercantilização do conhecimento hoje tão apregoada. Tentou antes valorizar a investigação, estabelecendo uma profunda ligação entre a Escola e a cultura nas suas variadas modalidades. O importante é que a Escola seja produtora de sentido através das suas actividades, e constitua um poderoso meio de fortalecimento das estruturas culturais e científicas. Deste modo vai contribuir para que os académicos sobrevivam entre as ruínas do espírito. No entanto, esta força da direcção não seria produtiva sem a acção dos colaboradores.

O que faz o sucesso de uma revista é o trabalho dos colaboradores que devem dar testemunho de competência resultante de um conjunto de qualidades assinaláveis. Notemos antes de mais a sinceridade e a humildade. Tomo aqui as palavras no seu sentido original, isto é viver sem cera, sem máscaras e por outro lado ser húmus, terra cultivada e produtiva. Escrever é pois ser autêntico e activo, mas é também sujeitar-se a críticas sobretudo dos que nada fazem, ou simplesmente são fracassados. Crítico de cinema é muitas vezes o que nunca fez um filme, como o crítico de literatura é o que nunca foi capaz de escrever um livro. Triste é constatar que há pessoas que nunca publicaram um artigo na revista e não consta que o tenham feito em outras publicações. É por isso que quem escreve deve possuir uma boa dose de confiança e optimismo. Junte-se a tudo isto uma grande insatisfação e criatividade. É evidente que nada de bom poderá acontecer se não houver competência, saber e sobretudo esforço. A inspiração só é rentável quando houver transpiração. Nada se faz sem trabalho, muito trabalho. Denis Rougemont em *L'amour et l'Occident* recorda o dito de Vernet a propósito de um quadro que vendia e o comprador achava caro para o esforço exigido: «Sim, exigiu-me uma hora de trabalho, mas toda a vida para o fazer». Um texto não é só o que aparece visível, mas também o invisível, pois implicitamente surge como o resultado de um esforço continuado, de longos anos de sacrifícios. Notemos ainda que os autores não escrevem para si, mas para o leitor. Por este motivo uma revista só existirá se tiver leitores. E qual é o papel do leitor?

Já atrás chamámos a atenção para a responsabilidade do leitor. Compete ao leitor procurar o dito e o que ficou por dizer, delimitar o espaço, revitalizar as personagens, actualizar os tempos, analisar as ideias, fortalecer a mensagem. Uma vez escrito, o texto já não pertence ao autor, mas ao leitor que ao ler vai criar o seu próprio mundo. Como escrevia Voltaire «os livros mais belos são aqueles cujos leitores fazem a metade». Um outro tema de grande actualidade é a necessidade de as revistas serem altamente especializadas. Para que uma revista tenha real valor e aceitação científica é forçoso que foque temas bem específicos

e intimamente relacionados.. Uma revista que trata de tudo é uma revista que cientificamente não trata de coisa nenhuma. Qualquer artigo nela publicado não terá aceitação no mundo da ciência e da investigação.

Por estas razões é forçoso que haja uma certa homogeneidade de conteúdo e sendo possível, que haja mesmo números temáticos, com uma linha científica condutora. Sem saber específico não é possível valor científico. É bom recordar o célebre número da revista *Communications 8* com o sub-título *Analyse Structurale du Récit* (Paris, Seuil, 1966) e que ainda hoje permanece como uma referência. A causa do seu impacto e da sua vitalidade está na novidade que trouxe então aos estudos literários e linguísticos, sem esquecer a qualidade dos colaboradores que assinaram os respectivos artigos.

O interesse duma revista vem também de outros factores como a capacidade de pôr interrogações, de tentar o novo, de procurar o diferente. Uma revista tem que ser ousada, tem que procurar abrir novos caminhos, com exigência, apesar das dificuldades encontradas. Só pelo diferente é que se aprende, só pelo novo é que se caminha, sem nunca abdicar dos valores transmitidos pelos antepassados. De resto é bom recordar o ditado que diz: que só se caminha tendo um passo atrás e outro à frente.

Ora a revista *ESEG Investigação* deve primar por ter uma atitude de investigação séria, aprofundada. Não se pode alhear do ensino ministrado na Escola e da especificidade dos seus fins culturais e pedagógicos. Ao mesmo tempo deve valorizar os saberes do meio em que se insere, atendendo à cultura radicada num determinado território e vivida por um grupo de pessoas com experiências comuns. Sendo publicada na Beira Alta devemos ter presente que não tem espaço limitado, pois vive «à beira de», isto é, no não espaço, ou como a palavra significa, na utopia. É sempre bom recordar que o verdadeiro regional é o verdadeiro universal.

Os que escrevem são os mais insatisfeitos e sabem que na revista, como nos quadros mais belos, há sempre luzes e sombras, mas também sabem que o ser é

sempre melhor que o não ser.

Ao fazer estas considerações e ao deixar a orientação científica da revista resta-me expressar um agradecimento, formular um voto, anunciar uma certeza.

O meu agradecimento vai para o Prof. Joaquim Brigas, Director da Escola Superior da Educação, pela sua força e determinação, para a Dra Fátima Gonçalves pelo seu saber e disponibilidade, para os colaboradores com o seu esforço e dedicação. A revista é de todos e não é de ninguém.

O meu voto é que cada um se interrogue não sobre o que vai acontecer, mas sobre o que vai fazer pela revista., pois eu acredito que há muita gente capaz de realizar maravilhas. Parafraseando o que escreve Gide a propósito do livro diremos: «Quem se interessa pela revista é por si que se interessã».

A certeza que anuncio é esta. Embora afastado voluntariamente das responsabilidades científicas da revista não deixarei de dar o meu contributo sempre que for oportuno. Deste modo viverei em relação comigo e com os outros, alimentando permanentemente um sentimento de futuro, sabendo que, como diz o Papa Bento XVI, é «pela esperança que somos salvos».

Júlio Pinheiro

Renan e Eça de Queirós

Vie de Jesus e A Relíquia

Júlio Pinheiro

Não tem sido muito frequente associar Eça de Queirós com Renan. No entanto há uma grande relação entre estes dois grandes escritores, como teremos ocasião de ver. Eça de Queirós nasceu no norte de Portugal tendo exercido a função de diplomata em alguns países, o que lhe deu uma certa dimensão da vida e do mundo. Deixou romances conhecidos, mas hoje queremos focar somente *A Relíquia*. Renan nasceu em França, na Bretanha, região que para os seus habitantes não é uma pátria, mas uma matéria, como dizia Chateaubriand. Para este autor a França é pátria, isto é, tem a força do pai, mas a Bretanha surge como mãe marcada pela doçura e intimidade. Também Vieira fazia a mesma distinção entre pátria e matéria colocando em relação o Império português e a terra lusitana..

Associar estes dois autores é olhar a semelhança, fazer uma peregrinação, cultivar a cultura. Na realidade há uma certa identidade nas duas pessoas pois através delas soam concepções variadas, radicadas em culturas ancestrais associadas a novas ideias. Estudar estes autores é fazer uma peregrinação pelos lugares que eles percorreram, peregrinação no conceito usado no tempo das descobertas, mas que hoje tem consonâncias de sagrado. Compulsar os livros dos dois escritores em questão é fazer uma viagem no sentido antigo de tomar provisões, como era usual até ao século XVI. Apesar de os dois autores fazerem reviver épocas passadas, a cultura que revelam não é uma cultura inerte, mas «cultura cultivada porque cultuada», na síntese do antigo professor da Universidade de Lisboa, Manuel Antunes. Hoje o objecto deste culto é Renan e sobretudo a sua obra *Vie de Jesus* em comparação com Eça e a sua obra *A Relíquia*.

Resta-me anunciar o caminho que irei fazer, ao caminhar, parafraseando os

célebres versos de António Machado.

Fixemos a nossa atenção no título da obra de Renan em língua portuguesa. Recordemos a tradução e a publicação da obra de Renan que teve imediatamente um grande sucesso. Vejamos depois a influência de Renan na literatura portuguesa, sobretudo nos escritores da geração de 70. Notemos a presença de Eça de Queirós em França. Sintamos as ressonâncias da *Vida de Jesus* do autor bretão na *Relíquia* de Eça de Queirós, sobretudo nas semelhanças entre Renan e Raposo. Por fim poderemos testemunhar a forte influência exercida por Renan no Brasil quer directamente em autores brasileiros, quer através de Eça de Queirós.

Não procuro certezas, mas tenho presente a afirmação de Proust a um crítico alemão: « Il ne faut jamais avoir peur d'aller trop loin, car la vérité est au-delà »¹.

Analisemos antes de mais o título da obra de Renan em traduções ou referências portuguesas. Ao pesquisar sobre esta temática descobri que numa tradução em português o título da *Vie de Jesus* de Renan não era *Vida de Jesus*, como seria normal, mas *A Vida de Jesus*. No artigo anteposto noto um portuguesismo subtil, relacionado com o carácter intimista que dá o artigo ao substantivo a que se liga e que é típico da língua lusíada. Também aparece uma tradução muito diferente, isto é *A Vida de Cristo*, que é condenável. Na realidade Renan nunca ousaria escrever uma *Vida de Cristo*, porque isso implicava à partida uma visão sagrada de Jesus. Cristo é um adjectivo que vem do grego *christos* (de *chrio*, ungi). Cristo tem o sentido de ungiado, consagrado por Deus como rei, profeta e sacerdote, logo divino, visão que o autor bretão nega nesta plenitude Hans Kung precisa a propósito de Cristo que «son nom était juif (en hebreu Yeshua, forme tardive de Yehosua: Yahé est secours)»². Para Renan Jesus é simplesmente «un personnage incomparable», mas não filho de Deus. Talvez

1 - Marcel Proust, *Correspondance générale*, Vol. III, Paris, Proust/Brach, 1932, p.313.

2 - Hans Küng, *Être chrétien*, Paris, Éditions du Seuil, 1978, p.184.

Jesus seja uma grande interrogação sem se saber muito bem qual é o mais real, se o Cristo da piedade, o do dogma, o da exegese, o dos iluminados, o dos poetas, o dos romancistas, o dos filósofos, o dos teólogos. Cristo é aquele que se procura, não o que se tem ou se julga possuir, até porque cada um inventa a sua vida como dizia François Mauriac.

A Vida de Jesus apareceu em 1863. Foi uma explosão. Foram vendidos cerca de 60.000 exemplares em seis meses. Era uma obra inesperada, perturbadora, sobretudo nos meios eclesiásticos.

A obra era analisada de modo muito desigual, como acontecia com o próprio autor. Numa carta dirigida a sua esposa e datada de 14 de Agosto de 1861, Renan escrevia: «Ma *Vie de Jesus* est à moitié. Encore trois semaines et la grande oeuvre de ma vie sera fixée». No entanto, algum tempo mais tarde, escreve em *Souvenirs d'enfance et de jeunesse* que a sua *Vie de Jesus* dá testemunho de uma «petite science conjecturale». Trata-se de visões muito diferentes.

As opiniões dos leitores sobre esta obra são muito contraditórias. Paul Guth escreve que o autor é «un poète qui nous endort avec sa chanson». Raymond Queneau na sua *Histoire des Littératures III* interroga-se se Renan é um cientista ou o clérigo que nunca deixou de ser e que «né pèlerin de l'absolu, il finit en touriste du relatif»³.

Em Portugal a tradução da *Vida de Jesus* aparece logo no ano seguinte ao da sua publicação em França. O tradutor é Eduardo Augusto Salgado. A obra difundiu-se rapidamente pela novidade da análise, mas também por os escritores franceses serem muito apreciados entre nós. Recorde-se que por esse tempo apareceram em Portugal muitas traduções de obras francesas. *O Génio do Cristianismo* de Chateaubriand teve duas traduções distintas, feitas por dois grandes escritores, desse tempo, Filinto Elísio e Camilo Castelo Branco.

3 - Ver Raymond Queneau, *Histoire des Littératures III*, Paris, Gallimard, 1958.

Em França a obra tinha escandalizado muitos leitores, de modo particular os crentes, como recorda Raymond Pouilliard na *Littérature Française*⁴.

O mesmo escândalo rebenta em Portugal, quando se tem conhecimento da obra com aspectos novos e inesperados. António José Saraiva encontra o motivo deste escândalo no facto do autor negar a divindade de Jesus: «Jesus não fora pessoa divina, mas simplesmente homem modelar»⁵. Toda a gente se interroga sobre a verdade das afirmações de Renan. Tal facto leva o investigador ou o simples curioso a alargar a questão, interrogando-se sobre o que é a verdade, onde está a verdade? Questão angustiante desde a origem dos tempos. Talvez a verdade se encontre na justa ligação entre a coisa e o pensamento e que é descrita por Ramon Ingarden como «uma relação entre uma frase judicativa e autêntica e o comportamento das coisas existentes objectivamente»⁶. E a fé... o que é a fé? Em que Deus é que nós acreditamos? Qual é o Deus de Renan? O escritor bretão ficará sempre intimamente ligado a Deus, «il restera toujours l'homme d'un Dieu, mais pas du même ... de sa soeur et de sa mère»⁷. Não é o Deus da sua irmã Henriette que foi a primeira pessoa a ler a *Vida de Jesus*, no manuscrito original. Não é também o Deus de sua mãe, o Deus desta gente simples e sólida de Bretanha. Que Deus é que descobre o leitor na obra de Renan? Deixemos de lado esta interrogação e sigamos o conselho de Yánez ao afirmar: «Não nos interessa aqui a polémica suscitada com o aparecimento do primeiro volume *Vida de Jesus* (1863), dada a interpretação científica, não dogmática da figura de Jesus Cristo»⁸. No fundo cada crítico acaba por falar dele mesmo. Deste modo compreendemos a atitude de João Mendes que descobre em Renan um «espírito de sistemã»⁹. Aqueles que se deixam acorrentar por certas ideologias acabam por

4 - Raymond Pouilliard, *Littérature Française, Le Romantisme III, 1869 – 1896*. Paris Arthaud, 1968, p.63.

5 - António José Saraiva, *História da Literatura Portuguesa*, Porto, Porto Editora, 1996, p.799.

6 - Roman Ingarden, *A obra de arte literária*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1979, p.328.

7 - Paul Guth, *Histoire de la Littérature Française* Tome 2, Paris, Flammanon, 1981, p.416.

8 - F. Yánez, *História da Literatura*, Vol. 7, Lisboa, Planeta Editora, 1997, p.53.

9 - João Mendes, *Teoria da Literatura*, Lisboa, Editorial Verbo, 1980, p.294.

reconhecer que a sua «verdade é triste», e que «esta tristeza mata», como confessa o mesmo crítico literário.

Foi talvez por isso que a Geração de 70 foi olhada como uma geração de vencidos. Neste grupo de escritores Renan teve uma grande influência juntamente com Hugo, Taine, Baudelaire, Proudhon e muitos outros.

Fixemos agora a nossa atenção nos escritos de Renan, e de modo particular na sua *Vida de Jesus*, analisando a sua influência na Geração de 70.

A *Vida de Jesus*, misto de investigação e poesia, constitui uma leitura predilecta da Geração de 70 e tem uma poderosa influência em várias obras, sobretudo na *Relíquia* de Eça de Queirós. Coimbra era uma cidade, onde, no dizer de Eça de Queirós em *Notas contemporâneas* havia «um grande tumulto mental». A cidade universitária encontrava-se muito «imbuída na verdade da crítica bíblica de Renan»¹⁰.

A obra de Renan faz parte das «leituras matriciais» de Antero. Em *Filosofia* Antero refere-se a Renan oito vezes e cita-o por vezes. É dele esta afirmação sobre a exigência de procura da verdade. «Parece-me que é o Renan que lá diz que o trabalho consumido nas obras da verdade não é perdido, ainda quando se desvia e não dá resultado»¹¹. Na obra referida Antero chega a dialogar com o autor da *Vida de Jesus* para lhe dizer que «os que fundaram as coisas vitais das sociedades tinham muito mais de santos, quando o eram completamente do que de filósofos». Quem lê as *Odes Modernas* de Antero descobre uma forte presença de Renan, quando enaltece um mundo iluminado pela ciência, valoriza a revolução mental, procura a justiça entre os povos, salienta o contributo da razão.

Outros escritores sentiram a influência de Renan. Gomes Leal escreve o

10 - Urbano Tavares Rodrigues, «Parnasianismo» in *Dicionário da Literatura*, (Dir. de Jacinto do Prado Coelho), Porto, Livraria Figueirinhas, 1978, p.789.

11 - Antero de Quental, *Obras Completas*, III, *Filosofia*, Universidade dos Açores, Editorial Comunicação, 1989, p.218.

Anti-Christo onde pede insistentemente: que a ciência avance, que a sabedoria progrida. Também Guerra Junqueiro vive um mundo de ideias e valores muito semelhantes aos de Renan, sobretudo em *Pátria* e na *Velhice do Padre Eterno*. Mas onde a presença de Renan é mais nítida é nas Conferências do Casino, que são um testemunho das inquietações culturais desse tempo.

A finalidade destas conferências era analisar, estudar e estabelecer as condições da transformação da sociedade portuguesa no campo político, económico e religioso. Realizaram-se ao todo quatro conferências. Antero iniciou os trabalhos com uma oração introdutória, *O espírito das conferências* e ele mesmo fez a primeira conferência sobre as *Causas da decadência dos povos peninsulares*. Augusto Soromenho tratou depois a questão de *A Literatura Portuguesa*. Eça de Queirós dissertou acerca de *O Realismo como expressão de arte*. Adolfo Coelho encarregou-se de *O ensino*. A quinta Conferência com o título *Os historiadores críticos de Jesus* deveria ser pronunciada por Salomão Sáragga. Era um judeu português que tinha colaborado com Renan por ser perito em estudos hebraicos. A conferência em que o autor falaria de Renan foi proibida pelo Presidente do Ministério, Marquês de Ávila e Bolama, em 26 de Junho de 1871. Salgado Júnior diz que as conferências são proibidas, porque nelas «se expõem e procuram sustentar doutrinas e proposições que atacam a religião e as instituições políticas do estado»¹². Recordemos a este propósito que em 1890 também o curso de Renan no Colégio de França foi suspenso por Napoleão III, embora na primeira lição o escritor bretão tivesse acentuado que «Jesus est un personnage incomparable». Vejamos agora a relação de Eça de Queirós com a cultura francesa.

Como é do conhecimento geral Eça de Queirós viveu fortemente influenciado pela cultura francesa, desde o tempo de estudante em Coimbra, como recorda João Gaspar Simões. «Hegel, Comte, Proudhon, Renan, Littré,

12 - A. Salgado Júnior, *História das Conferências do Casino*, Lisboa, s/ed., 1930, p.10.

Ver a este propósito João Medina, *As Conferências do casino e o socialismo em Portugal*, Lisboa, Dom Quixote, 1984, p.81 e seguintes.

todo esse património novo da cultura ocidental entrava pela primeira vez no cérebro perplexo do jovem estudante de Direito»¹³. O pensamento dos filósofos e literatos gauleses dominava em Portugal. Nessa altura os alunos da Universidade coimbrã desciam até à estação do caminho de ferro para esperar o comboio que vinha de Paris, transportando livros franceses que depois levariam em procissão pelas ruas da cidade. No seu ensaio sobre *O Francesismo* Eça escreve que «sobre as mesas havia livros franceses, nas cabeças só rumorejavam ideias francesas, (...) Portugal é um país traduzido do francês em calão». Ele mesmo se vê francês. Numa carta enviada de Angers, mais precisamente do Hôtel du Cheval Blanc, a Oliveira Martins e datada de 10 de Maio de 1884 confessa-se francês, «francês de província», acrescentando depois «eduquei-me a mim mesmo, com livros franceses, sentimentos franceses e ideais franceses»¹⁴.

A ligação do autor de *A Relíquia* ao autor de *Vida de Jesus* era enorme. João Gaspar Simões, na obra citada, recorda o seguinte episódio. «Renan, o Renan de *Vie de Jesus*, sobretudo, tinha-o diante de si, na sua banca de trabalho, mesmo ao lado do papel almaço enquanto escrevia»¹⁵. Batalha Reis diz que Eça «Lia também a *Vida de Jesus* e *São Paulo* do Ernesto Renan»¹⁶. Este mesmo autor confessa que Eça, baseado nas vivências da sua viagem à terra santa e com as influências de Renan escreveu *A Morte de Jesus* que foi publicada primeiramente em folhetins na *Revolução de Setembro* e depois em *Prosas Bárbaras*. A presença de Renan nos romances e nos contos de Eça é enorme. Basta ler *O Egípto*, o conto *Suave milagre* e *A morte de Jesus* já atrás referida, em que há 14 referências a Renan. Um aspecto não desprezível diz respeito à presença de Renan no estilo de Eça, como salienta Guerra da Cal. A propósito da utilização do advérbio escreve Guerra da Cal «O uso que Eça faz deste último procede de Renan, que influenciou muito cedo e

13 - João Gaspar Simões, *Vida e obra de Eça de Queirós*, Lisboa, Bertrand, 1973, p.65.

14 - João Medina, *Eça de Queirós e o seu tempo*, Lisboa, Livros Horizonte, s/d., p.187.

15 - João Gaspar Simões, *op. cit.*, p.233.

16 - Jaime Batalha Reis in «Introdução» a Eça de Queirós, *Prosas Bárbaras*, Lisboa, Europa América, 1988, p.32.

duradoiramente o seu estilo»¹⁷.

Eça refere-se muitas vezes a Renan. Salientemos somente algumas. Na *Correspondência de Fradique Mendes* o romancista português testemunha conhecer o autor francês pois fala de Renan como um «eternecido e erudito vigário de Nossa Senhora da razão» e nota ainda curiosamente que «Renan, o primeiro escritor da França moderna é um trapalhão, sem gramática e sem sintaxe». Em *Últimas Páginas* Renan é para Eça «a mais alra figura literária de França e a amais francesa». Finalmente em *Notas Contemporâneas* Eça confirma que «O autor da *Vida de Jesus* era decerto, um grande homem, ou antes continha em si uns poucos homens» e recorda o heresiarca, o artista, o arqueólogo, o moralista, o metafísico. E acrescenta: «foi um justo (alguns mesmo dizem, um santo)». Também Sartre disse de Genet: «que ele era «um santo». Só um pequeno pormenor. Vivendo em França durante os últimos anos da vida, mais concretamente em Neuilly sur Seine, nos arredores da capital francesa, foi aí, nesse país que amava, que Eça exalou o último suspiro.

Mas esta relação de Eça com a França e Renan não poderia ficar completa sem que notássemos a influência da *Vida de Jesus* em *A Relíquia*, influência enorme como salienta António José Saraiva¹⁸.

O embrião deste romance está na *Morte de Jesus*, texto mais tarde inserido em *Prosas Bárbaras*. Segundo vários críticos trata-se de uma das mais célebres obras de Eça de Queirós.

Recordemos em breves traços a acção da narrativa. A Relíquia é um romance onde se desenvolve uma ironia fina sobre as relíquias. Teodorico vai à Palestina. Ele deve trazer uma relíquia à sua tia que lhe tinha pago a viagem. Na terra santa introduz numa caixa uma coroa de espinhos, que ele fabricou com ramos de um arbusto e que pensa ver aceite pela tia como verdadeira coroa de Jesus.

17 - Ernesto Guerra da Cal, *Língua e estilo de Eça de Queirós*, Lisboa, Aster, s/d., p.75.

18 - António José Saraiva, *op. cit.*, p.861.

Numa outra caixa está uma peça de roupa íntima de uma inglesa que encontrou na viagem de regresso. As caixas são trocadas. O resto já se adivinha, quando com grande pompa se abre a caixa na capela particular existente na casa da tia, perante várias pessoas cheias de curiosidade.

Trata-se de um romance muito apreciado pelo realismo dos espaços, a força da caricatura, a unção religiosa, a finura da sátira, a melodia dos sons, o ritmo dos acontecimentos, o lirismo sentido. Sobretudo, como escreve Manuel da Silva Gaio, «a Ironia, a grande Ironia, como a possui o vitorioso poeta da *Relíquias*»¹⁹.

Este romance foi publicado entre 24 de Abril e 10 de Junho de 1887 na *Gazeta de notícias* do Rio de Janeiro, em folhetins. Nesse mesmo ano apareceu ao público em livro. O romance faz um grande escândalo. Apresentado ao concurso Prémio D. Luís da Academia, é rejeitado pelo júri de que fazia parte Pinheiro Chagas como relator. O premiado é Lopes de Mendonça e a obra de Eça não obtém um único voto. Eça já o adivinhava como testemunha uma carta sua enviada de Bristol em 14 de Junho de 1887. Nesta carta dirigida a Ramalho Ortigão fala do concurso e pede-lhe que o represente dizendo: «desejo gozar a atitude da Academia diante de Raposo»²⁰. A obra continuou a ser rejeitada, por várias razões. O tratamento do religioso é revolucionário, escandaloso para o tempo como salienta Beatriz Berrini. Da mesma opinião é Aparecida de Fátima Bueno ao afirmar que a obra é mal aceite por causa do tratamento do religioso. Com esta mesma perspectiva encontramos Oscar Lopes que fala da «relação entre uma herança cristã (sob que exegese?) e uma filosofia progressista da história»²¹.

Na sua tese de doutoramento intitulada *Eça de Queirós en la crítica española*. Flena Losado Soler nota que a obra foi proibida em Espanha durante o franquismo. Salientemos, no entanto o sub-título do romance que é muito

19 - AA. VV., *Eça de Queirós visto pelos seus contemporâneos*, Porto, Lello e Irmão, 1945, p.201.

20 - Eça de Queirós, *Correspondência*, Porto, Chardron Lello e Irmão, 1928, p.136.

21 - Oscar Lopes, *Album de família. Ensaio sobre autores portugueses do século XIX*, Lisboa, Editorial Caminho, 1984, p.92.

esclarecedor: « Sobre a nudez forte da verdade, o manto diáfano da fantasia» Estas palavras encontram-se no pedestal do monumento dedicado a Eça, feito por Teixeira Lopes e entregue à Edilidade de Lisboa em 9 de Novembro de 1903. Neste lema está de certo modo o «credo estético» de Eça, como dizia Luís de Magalhães na inauguração do monumento no Largo Barão de Quintela. Gaspar Simões fixa o seu olhar na palavra «fantasia», dizendo que o autor cobre «com a palavra fantasia descaradas violações do mais rudimentar bom senso literário»²². Em carta dirigida a Luís de Magalhães (Bristol, 2.7.1887) o próprio Eça salienta o poder desta fantasia: «Eu por mim (...) não admiro pessoalmente *A Relíquia*. A estrutura e composição do livreco são muito defeituosas. O único valor do livreco está no realismo fantasista da Farsa»²³.

Esta influência de Renan, sobretudo da sua *Vida de Jesus* é notada por muitos estudiosos. Mariano Pina diz que o relato da paixão em *A Relíquia* é feito por «páginas ao lado das melhores de Renan que escreveu a *Vida de Jesus*»²⁴. Jacinto do Prado Coelho no seu *Dicionário de Literatura* nota-o bem, ao afirmar «Renan tão de perto imitado por Eça ao evocar a figura de Jesus». Mário Martins aprecia «A paixão de Jesus na *Relíquia* de realismo plástico e sonoro, mas com influência de Renan»²⁵. O sonho, expresso no capítulo 3 de *A Relíquia* não é mais «que a resolução estético-literária da leitura da *Vie de Jesus*», como salienta Aparecida Fátima Bueno. Este sonho «ocupa um terço da obra, apresenta assim um sentido de revelação e de resgate»²⁶.

Analisemos agora alguns aspectos de pormenor. Vejamos a personagem de Maria Madalena, o pensamento de Teodorico, o louvor feito directamente a Renan.

22 - João Gaspar Simões, *Eça de Queirós: o homem e o artista*, Lisboa, Rio de Janeiro, Dois mundos, 1945, p.455.

23 - Eça de Queirós, *Correspondência*, Porto, Chardron de Lello e Irmão, 1928, pp.138-139.

24 - Mariano Pina, «A Relíquia», in AA. VV., *Eça de Queirós visto pelos seus contemporâneos*, Porto, Lello e Irmão, p.175.

25 - Mário Martins, «Cristo» in *Dicionário da Literatura* (Dir. Jacinto do Prado Coelho), Porto, Figueirinhas, 1978, p.231.

26 - João Medina, «A Relíquia, romance de peregrinação e de descoberta», in *Dicionário de Eça de Queirós*, (Dir. A de Campos Matos), Lisboa, Caminho, 1993, p.834.

Depois da descrição do túmulo vazio encontramos em *A Vida de Jesus* esta apreciação de Maria Madalena no fim do capítulo XXVI, *Jesus no túmulo*. «Digamos, contudo, que a imaginação forte de Maria de Magdala desempenhou nesta circunstância um papel de primeira ordem. Divino poder do amor! momentos sagrados em que a paixão de uma alucinada dá ao mundo um Deus ressuscitado»²⁷. Comparemos esta análise com a que encontramos em *A Relíquia*: «Então Maria de Magdala, crente e apaixonada, irá gritar por Jerusalém: «Ressuscitou, ressuscitou!» E assim o amor de uma mulher muda a face do mundo e dá uma religião mais à humanidade»²⁸.

Entre Raposo e Renan há fortes semelhanças e encontramos mesmo referências directas ao autor francês. Raposo personagem principal pensa estar presente no processo de Jesus e a certa altura exclama: «A mim o Raposo, Renan, esse heresiarca sentimental murmuraria: «Que suave colega o Raposo»»²⁹. Na página 270 se fala de um Folhetim louvando Renan, falando de um empregado intolerável «por escrever no *Futuro*, gazeta republicana, folhetim louvando Renan e ultrajando a Eucaristia»³⁰.

Um aspecto de semelhanças entre Renan e Eça é a ligação ao religioso que os dois desenvolveram frequentemente. Ambos tinham grande consideração pelas ideias e antigas religiões do mundo grego que tanto influenciaram o Cristianismo sobretudo o pensamento de S. Paulo. Ao ler *A Relíquia* Lucette Petit salienta que «faire route avec le monde divin et les pratiques religieuses est ici très nette»³¹. Renan, já o afirmámos, nunca se confessou ateu. Sobre Eça de Queirós escreveu o seu filho mais velho. «Meu pai não era o céptico que tantos dizem que ele foi. Tinha um fundo essencialmente religioso e embora não

27 - Ernesto Renan, *Vida de Jesus* (tradução de Eduardo Augusto Salgado), Porto, Liv. Chardron, 1905.

28 - Eça de Queirós, *A Relíquia*, Lisboa, Livros do Brasil, p.210.

29 - Eça de Queirós, *op. cit.*, p.274.

30 - Eça de Queirós, *op. cit.*, p.270.

31 - Lucette Petit, *Le champ du signe dans le roman queirosoen*, Paris, FCG, 1987, p.261.

praticasse culto algum, todas as noites se recolhia, fechando os olhos, dizendo que ia comunicar com Deus»³². Esta atitude perante o religioso é enaltecida por Jaime Cortesão ao referir a obra *Vidas de Santos*, falando mesmo no «elemento de carácter místico» de Eça. António José Saraiva fala da sublimação mística de Eça de Queirós e confessa que na última fase da sua vida «ora aparece como filho pródigo arrependido, ora como desertor, ora apenas como pessoa amiga das suas comodidades»³³. Só um homem com inquietações de além é que seria capaz de narrar a paixão de Cristo com tão grande emoção.

Vejamos finalmente a influência de Renan no Brasil quer directamente, quer através de Eça de Queirós, sobretudo com a sua obra *A Relíquia*.

Eça de Queirós amava o Brasil e o Brasil amava Eça de Queirós.

Alberto de Oliveira diz que «Eça trazia o Brasil ao peito» e fala de admiração e entusiasmo, do seu prestígio sem reservas. Chega mesmo a dizer que os brasileiros lhe prestavam culto. «Culto é a palavra exacta, creio eu, para designar a admiração e o entusiasmo com que os escritos de Eça de Queirós eram acolhidos pelos seus leitores brasileiros»³⁴. Carlos Magalhães Azevedo confessa que era desejo de Eça «atravessar o Atlântico e viver a nossa primavera perpétua». O autor de *Os Maias* queixava-se de que na França se falasse muito pouco do Brasil. Em *Ecos de Paris* refere que na França «debalde, porém, se procura agora uma notícia, mesmo falsa, sobre o Brasil... nada» e acrescenta só haver informações sobre «sacos de café vendido e indicação de câmbios»³⁵.

Muitos escritores se referiram com rasgados elogios a Eça de Queirós. Salientamos alguns: Machado de Assis, Magalhães Azevedo, Raimundo Correia, Domício da Gama, Oliveira Lima, Eduardo Prado, Coelho Neto, José Veríssimo,

32 - Rocha Martins, *Os românticos antepassados de Eça de Queirós*, Lisboa, Editorial Inquérito, s/d., p.274.

33 - António José Saraiva, *Para a História da Cultura em Portugal*, Lisboa, Publicações Europa - América, 1972, p.110.

34 - AA. VV., *Eça de Queirós visto pelos seus contemporâneos*, op. cit., p.385.

35 - Eça de Queirós, *Ecos de Paris*, Porto, Livraria Chardron, 1911, p.135.

Graça Aranha. Vejamos agora em pormenor algumas proposições sobre o escritor português.

Machado de Assis admirava Eça como «um dos bons e vivazes talentos da actual geração portuguesa»³⁶. Carlos Magalhães Azevedo notava que «as obras de Eça de Queirós circulavam por todas as repúblicas e eram lidas e comentadas pelos rapazes, entre gritos de entusiasmo» e cita de modo específico *A Relíquia*. A este mesmo livro se refere Eduardo Prado. Raimundo Correia nota que o seu nome é muito festejado e que as suas obras são muito lidas e apreciadas e enaltece as personagens de *A Relíquia* que são do mais acabado realismo. Este mesmo realismo foca José Veríssimo ao escrever: «O drama e os personagens burgueses de *A Relíquia*, por exemplo, são do mais acabado realismo». Oliveira Lima constatava que «todos os da nova geração portuguesa e brasileira criámo-nos na sua admiração» e diz que o importante são os sonhos como o da *Relíquia*.

Acabamos de notar que no Brasil todas as obras de Eça de Queirós eram muito lidas, mas de modo particular *A Relíquia*. Sendo muito apreciado, a sua influência foi enorme como confessa Paulo Cavalcanti. «Nenhum romancista estrangeiro exerceu até hoje maior influência no Brasil do que Eça de Queirós». A comprová-lo está o resultado de um inquérito sobre leituras de obras de literatura. Em primeiro e segundo lugar aparecem as conhecidas obras de Eça *Os Maias* e *O Primo Basílio*. A obra escrita por Machado de Assis *Memórias Póstumas de Brás Cubas* ocupa terceiro lugar. *A Relíquia* ocupa um honroso quarto lugar. Como confessa Heitor Lyra, autor de *O Brasil na vida de Eça de Queirós* havia no país irmão um entusiasmo delirante pela obra queirosiana. Muitas pessoas conheciam de cor páginas das obras de Eça. Em 1897 Domício da Gama escreve na *Revista Moderna*: «sobrasse-me ainda mocidade e memória e eu faria como o que aprendeu *A Relíquia* de cor, para ornamento do seu espírito e graça e conceito do seu discurso».

36 - AA. VV., *Eça de Queirós visto pelos seus contemporâneos, op. cit.*, p.235.

Se a obra de Eça continha muitas ideias familiares ao autor da *Vida de Jesus* e se *A Relíquia* era tão conhecida no Brasil forçoso é concluir que a influência de Renan era enorme através do romance de Eça de Queirós.

Chegado a este momento do percurso não pensamos fazer uma conclusão, mas uma síntese de alguns aspectos que julgamos importantes, acrescentando ainda algumas ideias que reputamos essenciais.

Tudo aquilo que acabámos de focar tem que ser localizado num tempo e num espaço que se renovam continuamente. Reproduzo aqui o que dizia Renan na sua obra *Les Apôtres* «La condition fondamentale de la critique c'est comprendre les états successifs de l'esprit humain». Mas o que muda sobretudo no escritor francês é esta capacidade de querer atingir o belo, a verdade, o universal, passando continuamente de um ponto a outro.

Há na obra de Renan uma beleza inefável, um lirismo comovido, uma poesia de encantamento, um saber que é sabor como a palavra significa. Esta beleza estética fascinou muitos críticos, embora outros a tenham esquecido. Na afirmação de Michel Moure e Paul Guth, foi sobretudo como poeta que Renan fascinou o seu tempo. Poderíamos dizer de Renan o que Goethe dizia de si próprio ao afirmar que a sua vida era «verdade e poesia».

A procura da verdade foi uma obsessão para Renan, vivendo por isso em movimentos sucessivos e continuados. Se procurou análises diferentes, é porque tinha a convicção que nada estava estabilizado, nada se encontrava fixo. Para o autor como para o leitor, tudo é relativo, as causas são mistas. Escrever e ler é viver em crise, o que quer dizer viver em luta, num esforço, num eterno começo se dermos a «crise» o significado original que a palavra tem em grego.

Renan, como qualquer grande escritor não se deixa prender em análises pessoais. Interrogar o autor de *Vida de Jesus* talvez seja interrogar-nos a nós mesmos e por isso as afirmações formuladas não passam de impressões fugidias. O que possamos dizer sobre o escritor francês talvez seja uma simples impressão

ou uma visão de nós mesmos, porque estamos perante um espírito sensível, curioso, angustiado, fascinante. Por todas estas razões o que se tem dito sobre Renan ao longo do tempo surge como precário, efémero e relativo. Tal facto só confirma a sua grandeza porque os seus textos se apresentam sempre abertas e renovadas interpretações.

Estudar Renan é um processo continuado, um acto criador, um saber que se pretende mais profundo, talvez uma simples atitude de consciência. Mais do que respostas a perguntas o que importa é formular interrogações com o anseio de ir mais além. Tudo o que Renan escreveu e o que o leitor possa formular é fruto de uma relação criada e por isso é volúvel, fugidia, sempre capaz de sofrer contestação.

Dele nos ficam sobretudo estas lições. Por um lado a sua forte personalidade, a lhaneza do carácter, a procura da verdade, o respeito pelos destinos, o exemplo da coragem, a novidade de caminhos, a abertura de horizontes. Como dizia Gaspar Simões, quando lemos Renan «sentimos estar na presença de um homem que alia à nobreza de carácter a generosidade e a bondade de um grande coração»³⁷. Sem deixar de ser um cientista foi sempre um poeta, um mágico, capaz de encantar. Por outro lado temos a força que ele dá à memória como factor de identidade da Igreja em que foi criado e se formou moral e cientificamente. Jesus é o fundamento do Cristianismo. Por isso importa lembrá-lo na teoria e na prática com os indicadores do passado capazes de renovar caminhos presentes. Finalmente a civilização cristã deve ser aceite como fundamento da Europa que Renan muito amou. «Je mourrai ayant au coeur l'amour de l'Europe autant que l'amour de la France. Je voudrais parfois me mettre à genoux pour la supplier de ne pas se diviser par des jalousies fratricides, de ne pas oublier son devoir, son oeuvre commune, qui est la civilisation»³⁸.

Quero terminar com o verso com que Dante acaba a sua *A Divina Comédia*.

37 - João Gaspar Simões, *Novos temas, Velhos temas*, Lisboa, Portugalia Editora, 1967, p.228.

38 - Renan, *Souvenirs d'enfance et de jeunesse*, Paris, Garnier-Flammarion, 1973, p.212.

afirmando que «Volvia o Amor que move o sol a as estrelas»³⁹. Este trabalho acabou por ser uma atitude de amor a que se liga o sol que ilumina e as estrelas que são luzes do pensamento.

39 - Dante Alighieri, *A Divina Comédia*, Lisboa, Mediasat Group, S.A., 2005, p.540.